

20. LUCIANO PEREIRA, ESC. SUP. DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL / AICL

TEMA 1.3: REFERÊNCIAS E INDÍCIOS HEBRAICOS NA LITERATURA POPULAR, LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

As referências e os indícios hebraicos são uma constante desde os primórdios da nossa literatura popular e trovadoresca, marcadamente poéticos, com características fundamentais da poética do Antigo Testamento, tais como as formas paralelísticas (cantigas de amigo de D. Sancho I).

A nossa poesia (Luís de Camões), a nossa dramaturgia (Gil Vicente), a nossa novelística, os nossos romances continuaram a cultivá-los, ora discretamente, ora centrando-se sobre algumas das suas questões sociais e culturais mais delicadas, incómodas ou traumáticas, tais como as que dizem respeito ao processo da inquisição, que tanto motivou todo o trabalho de Alexandre Herculano.

Algumas ocorrências são ecos de um profundo debate em torno das temáticas teológicas e filosóficas, como as magistralmente expostas por um Pinharanda Gomes.

O estudo apresentado visa apenas lançar luz sobre algumas das marcas e indícios na literatura popular, tais como provérbios, anedotas, canções (José Leite de Vasconcelos e Michel Giacometti), poemas (Teófilo Braga) lendas (Gentil Marques) e romances (Almeida Garrett, Perre Ferré) de uma presença antiquíssima, constante e atuante.

Através deles, vislumbramos acontecimentos históricos como os que envolveram um Isaac Abravanel ou um Abraão Zacuto e orgulhamo-nos com momentos tão míticos quanto gloriosos, como os que o Infante Dom Henrique nos soube proporcionar.

1.1. A PRESENÇA JUDAICA NA PENÍNSULA IBÉRICA SEGUNDO OS TESTEMUNHOS HISTÓRICOS E LENDÁRIOS¹²⁵

Nuno Simão Rodrigues tem sido um dos autores que mais se tem dedicado ao estudo dos primórdios dessa presença com o objetivo de analisar a problemática dos primeiros contactos, chegada e instalação, assim como as primeiras vivências dos Hebreus/Judeus na Península Ibérica.

O tema sempre suscitou um real interesse desde os autores medievais, quase todos de origem judaica. A problemática ganhou maior relevo no contexto da diáspora que sentia a necessidade de justificar a sua presença em territórios tão distante da sua primitiva origem (Médio Oriente). A antiguidade pré-cristã da presença judaica em espaços tão disparos como o ibérico contribuía para uma compreensão mais restrita do deicídio de que eram generalizadamente globalmente acusados dos séculos VIII a XVII.

A importância dessa temática, na península, tornou-se particularmente pertinente desde a tomada de consciência da origem de o nome romano, «Hispânia» (costa escarpada ou dos coelhos) poder ser semítica, relacionando-a com as ocupações fenícias, discutidas desde o Renascimento, a Társis bíblica foi então associada à Tartesso dos textos greco-latinos.

Nos textos bíblicos refere-se que o rei Salomão teria construído um empório comercial tão vasto que chegaria a regiões tão longínquas como Társis. A homofonia e a ideia de que esse território seria «longínquo» contribuíram para a associação do topónimo com o das fontes greco-latinas, localizando-o na Península Ibérica, embora a referência a alguns dos produtos que chegariam de Társis não se coadunarem com a região peninsular, em particular dentes de elefante, macacos e pavões. Cedo se coloca a hipótese de a Társis bíblica se localizar num outro local tal como na Índia ou no Golfo Pérsico.

¹²⁵ Os dados históricos referentes à antiguidade foram extraídos de Silva, Carlos Guardado da (Coord.) (2013) *Judiarias, Judeus e Judaísmo*, 19-28.

Certo é que a arqueologia demonstrou que a presença fenícia na Península Ibérica é um facto, pelo menos desde os séculos IX-VIII a.C. Primeiro com o estabelecimento de esporádicos contactos comerciais, depois com a estruturação de uma rede comercial mais complexa e regular. A partir do século VIII a.C. hipotéticas feitorias fenícias se transformariam em verdadeiras colónias apoiando-se na exploração de metais, tais como a prata (Gadir-Cádiz). Com a emergência de Cartago, Gadir foi conquistando cada vez maior autonomia.

A problemática da presença fenícia na Península só é relevante na medida em que se trata de um povo igualmente semita, com uma imensa proximidade cultural dos Hebreus, e cuja presença na Hispânia foi verdadeiramente relevante. É nesse contexto que podemos conceber uma relação de tipo económico-político entre as figuras mítico-históricas de Salomão e Hiram que permitiria a chegada dos primeiros Hebreus à Península.

É bastante provável que os Judeus tenham chegado a Roma a partir do Norte de África, em particular na sequência das Guerras Púnicas (que opuseram Cartago a Roma nos séculos III e II a. C., terminando com a destruição do território cartaginês e com o arrastamento de milhares de prisioneiros para Itália como demonstração do triunfo romano...). O mesmo se verificará mais tarde com a conquista de Jerusalém. Estando a sociedade cartaginesa situada na continuidade de espaços de densa ocupação judaica, tais como Alexandria e Cireneia, vários documentos comprovam a coexistência com várias comunidades judaicas, desde os séculos III e II a. C.

O país tornou-se propriedade do Estado Romano, um dos territórios de colonização romana. Decerto, muitos judeus, terão atravessado voluntariamente o Mediterrâneo, instalando-se em Itália, e especialmente em Roma, a cidade que se afirmava como a capital político-económica do mundo mediterrâneo.

É também provável que, entre os despojos militares, famílias judaicas tivessem seguido para Roma como escravos e aí tivessem encontrado uma nova forma de sobrevivência. Este novo eixo migratório indicia a possibilidade de uma expansão para Ocidente.

Os Judeus, por opção ou por obrigação, instalaram-se na Península Ibérica, antes e após o desfecho do confronto que opôs Cartagineses a Romanos.

Esta parte da hipótese, contudo, ainda que verosímil, carece de comprovação literária ou arqueológica. De qualquer modo, a ideia de já cá existiriam algumas comunidades judias, quando os Romanos pisaram a Península Ibérica, parece-nos historicamente bastante verosímil. Essas comunidades ou, pelo menos esses indivíduos, não seriam forçosamente descendentes dos comerciantes dos séculos IX-VIII a.C., mas poderiam ter-se instalado apenas alguns anos antes da chegada dos Romanos.

A importância do território hispânico para os Judeus cresceu no século II a. C., permitindo a Estrabão e a Flávio Josefo, afirmar a omnipresença dos Judeus em toda a parte do Orbe.

Para García Moreno, as comunidades judaicas de Sefarad provieram da nova ordem mediterrânea, essencialmente helenística, surgindo Roma como um ponto de partida bastante provável para estes «novos colonizadores» da Ibéria.

A tese parece-nos verosímil, tanto mais que há várias ocasiões em que isso poderá ter conhecido, nomeadamente nos momentos de expulsão (durante o principado de Tibério; por ordem de Pompeio em 63 a.C.; na época do principado de Cláudio; após a destruição do Templo por Tito; durante os conflitos do tempo de Domiciano; após os acontecimentos de Bar Kokhba...)

As palavras de Paulo de Tarso, na epístola aos Romanos, sugerem a existência de uma comunidade judaica de tal modo significativa que teria levado o apóstolo a deslocar-se ao território. Paulo teria escrito essa carta antes da visita a Roma, anunciando a sua intenção de o fazer precisamente quando se deslocasse à Hispânica:

(...) como não tenho mais nenhum campo de ação nestas regiões, e há muitos anos que ando com tão grande desejo de ir ter convosco, quando for de viagem para a Hispânia... ao passar por aí, espero ver-vos e receber a vossa companhia (...). Portanto, quando este assunto estiver resolvido, e lhes tiver entregado o produto desta coleta devidamente selado, partirei para a Hispânia, passando por junto de vós.¹²⁶

Em todos os locais até então visitados, Paulo começava a evangelizar pelos Judeus. Por conseguinte, não há razões para pensarmos que não tivesse feito o mesmo na Hispânia, cujas comunidades teriam sido o principal motivo da sua viagem. Além disso, sabendo que os primeiros cristãos provieram do meio judaico. Assim o indicam os *Atos dos Apóstolos* e o percurso evangélico de Simão Pedro da Galileia e de Saulo de Tarso. É por isso legítimo pensarmos também que o primeiro alvo de Paulo na Península terão sido os judeus aí estabelecidos

No final do século I d.C., Flávio Josefo menciona várias vezes a Ibéria na sua obra, censurando alguns autores por desconhecerem os povos Iberos.

No livro I das *Antiquitates*, os Iberos são associados a Teobel, Túbal bíblico (fundador lendário de Setúbal), inserindo-os deste modo na sua versão, da chamada «Tábua das Nações», conferindo-lhe assim uma identidade geográfica mais concreta. O *Talmude*, por sua vez, também contém várias referências à Hispânia, mas só a partir dos séculos III-VI d.C. é que os testemunhos judaicos peninsulares ganham maior volume.

As fontes epigráficas, por exemplo, só se tornam significativas durante esse período, embora existam alguns testemunhos anteriores (a ânfora de Ibiza, de provável origem samaritana, e na qual se leem caracteres hebraicos. Cedo se sugere a aparente tendência dos Judeus para se instalarem em espaços costeiros e fluviais (Mérida, Mértola, ...)

Existem dados suficientes para concluirmos que, nesses espaços, haveria uma organização socioreligiosa semelhante à de outras comunidades da diáspora, bem como uma estruturação cultural semelhante às que encontramos noutros lugares, como Roma: inscrições trilingues, decorações especificamente judaicas, existência de cargos sinagogais, desempenho de funções na administração estatal, nomes de origem hebraica, ...

¹²⁶ Rm 15, 23-24, 28.

Com base em testemunhos arqueológicos datados do Baixo-império, provenientes da região de Troia, perto de Setúbal, levantou-se uma hipótese de uma colónia semítica, constituída por Africanos e Judeus, se ter aí instalado. Além disso, as referências a exportação de *garum* para a Palestina, no Talmude, podem, eventualmente, confirmar esta ideia. A maioria destes documentos, porém, data dos séculos IV-VII d.C. e, no geral, o conjunto destas informações é colhido em fontes explicitamente judaicas.

Para o século IV, também possuímos as atas do Concílio de Elvira com informação substancial acerca dos judeus peninsulares, permitindo-nos concluir que a comunidade gozava de alguma importância no território. O judaísmo, enquanto matriz e prática religiosa naturalmente próxima da religião oficial do império, o cristianismo, ganha um redobrado significado.

O Concílio de Elvira (entre 300 e 312) foi o primeiro a regulamentar as relações entre judeus e cristãos, atestando um elevado grau de convívio entre ambas as confissões/culturas em território ibérico. (...).

Da mesma época deverão datar os vestígios da sinagoga de Elche, que conferem uma estrutura mais sólida à ideia de uma comunidade judaica organizada na Península.¹²⁷

1.2. A PRESENÇA JUDAICA EM PORTUGAL¹²⁸

Os judeus viveram um longo período de afirmação e crescimento relativamente pacífico no território que é hoje Portugal. Omitindo o período mal documentado dos domínios suevo e visigodo, podemos falar de uma continuidade de articulação mais ou menos harmoniosa entre as três religiões “do Livro” sob

¹²⁷ García Iglesias, L. (1978) Los Judios en la España Antigua, Madrid, pp. 58-59, in Silva, Carlos Guardado da (Coord.) (2013) *Judarias, Judeus e Judaísmo*. Lisboa: Edições Colibri.

¹²⁸ A reflexão aqui apresentada estruturou-se em torno de uma síntese apresentada por Jorge Martins na sua obra *Breve História dos Judeus em Portugal, 2015*, pp. 187-191.

os diferentes momentos do domínio muçulmano, assim como sob o domínio dos primeiros reis de Portugal, até que nos finais do século XIV começa-se a fazer sentir uma crescente pressão da vizinha Espanha que culmina com a expulsão dos judeus em 1496, exigência política dos Reis Católicos para permitir os esponsais da sua filha com D. Manuel I.

Contrariamente aos seus sogros, o nosso rei, de forma contraditória, tudo fez para impedir a saída dos judeus ou pelo menos dos seus cabedais. Diga-se, em abono da verdade, que o nosso monarca se mostrava ciente das dramáticas consequências do desperdício de saber, de competência, de experiência e da capacidade empreendedora, que ameaçariam a nossa estabilidade socioeconómica. Arditamente, forçou-os à conversão, provocando um profundo drama humano condenando-os a uma dupla existência e a um ostracismo cínico e arbitrariamente fatal, embora viesse a proteger as vítimas do massacre de 1506, a proibir a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, a autorizar a sua saída do reino e a protelar a entrada efetiva do Santo Ofício.

Assumidamente antissemita, D. João III, será o incansável carrasco dos judeus, comprando a inquisição à Santa Sé, sem poupar esforços, imensos cabedais e estratégias ignóbeis de corrupção efetiva.

Apesar do horror, a resistência e a persistência do judaísmo durante os séculos XVI a XVIII está bem atestada pelo exílio de inúmeros cristãos-novos com o intuito de assumir a sua verdadeira religião e pela afirmação do criptojudaísmo nos inícios do século XX.

Não obstante um antissemitismo dominante, sempre existiram homens de difusa ascendência judia ou simplesmente imbuídos do profundo humanismo e tolerância cristã que se opuseram aos crimes hediondos da inquisição.

António Vieira terá sido um dos primeiros grandes filosesmitas, apesar de não ter sido bem-sucedido nos seus intentos, acabaria por influenciar outras personalidades, como D. Luís da Cunha, Xavier de Oliveira, Ribeiro Sanches e Melo Freire, que exigiriam a reforma da Inquisição e até a aceitação do livre culto judaico.

Posteriormente, Pombal, que acusava os Jesuítas por todos os males do Reino, colocaria, ironicamente, em prática as suas teses filojudaicas.

Erradicada a intolerância antijudaica, renasce timidamente uma das nossas dimensões enquanto povo, a sua emancipação será lenta e o seu caminho tortuoso, começa pela criação de comunidades israelitas em Lisboa, Açores, Madeira e Faro, verá consagrada tacitamente na lei a sua existência, enquanto colónias estrangeiras, e alcançará o seu pleno reconhecimento após a implantação da República. Emergem então das terras mais conservadoras dos interiores das Beiras e de Trás-os-Montes as comunidades marranas, esquecidas do judaísmo oficial, do país, do mundo e até de si próprias.

Forçados a abjurar o judaísmo, perseguidos por nos termos tornado cristãos-novos à força, impossibilitados de regressar ao judaísmo oficial e incapazes de criar uma igreja marrana, tornámo-nos um povo com identidade, não apenas múltipla e miscigenada, mas difusa e sempre dominada por uma angustiante duplicidade, que nos tem impelido, ora para a exagerada euforia otimista, ora para o recorrente pessimismo de não termos assumido uma identidade, qualquer que fosse, mas uma identidade assente em inequívocas raízes de pertença, interiorizadas em todas as suas dimensões.

Foi este o mais perene dos muitos crimes da Inquisição, que os dois séculos posteriores à tricentenária história da intolerância não conseguiram reconciliar no ser português que somos hoje.

Na verdade, perdemos a nossa plena identidade a partir do início do século XVI e nunca mais a recuperámos até hoje. Por outras palavras, apesar da tão propalada presença judaica no ser português, ainda não somos capazes de assumir, no século XXI, a dimensão judaica da nossa identidade. (...)

A desestruturação mental que o batismo forçado e a ação inquisitorial operaram na sociedade portuguesa, obliterou o convívio inter-religioso e intercultural que se estava a construir ainda antes da fundação da nacionalidade e se aprofundou durante os séculos XII e XV. Foi a intolerância católica que impediu o português de quinhentos de ser o que era, de facto: um povo com raízes diversas. Essa amputação social, cultural e mental teria repercussões incomensuráveis

em todos os domínios da vida portuguesa, acabando por atravessar a história dos judeus, dos marranos e dos cristãos (novos e velhos), que não mais puderam assumir-se em toda a plenitude do seu ser. Dos escolhos da(s) intolerância(s) emergia um novo português, o português que todos nós somos um pouco: o marrano, que, quer queiramos ou não, nos ficou como uma marca indelével. (Martins, 2015,190-191)

A presença judaica também deixou marcas profundas nas nossas obras literárias e no nosso pensamento filosófico e teológico. Para melhor entendermos a sua pujança nos primórdios da nossa nacionalidade, não podemos deixar de recordar a sua produção literária na península, e em particular no El Andalus, durante os séculos X, XI e XII (Menahem Ben Saruq, Dunas Ben Labrat, Yishaq Ibn Capron, Yosef Ibn 'Abitur, Yishaq Ibn Jalfun, Semu'el Ibn Nagrella Há-Nagid, Selomoh Ibn Gabirol...¹²⁹).

A literatura trovadoresca, em particular as cantigas de amigo, apresenta-nos algumas imagens e estruturas, tais como as paralelísticas, que nos recordam géneros e textos do antigo testamento.

Cantigas de Escárnio e Maldizer iniciam a representação de características estereotipadas que contribuirão para a sua cristalização na nossa memória coletiva (Afonso X)¹³⁰.

Gil Vicente lança mão de alguns estereótipos contribuindo, deste modo, para o reforço de um certo antissemitismo primário, próprio de um certo riso relativamente grosseiro¹³¹. Luís Vaz de Camões revela-se um profundo conhecedor da cultura clássica e dos textos bíblicos, tanto na sua epopeia, quanto no seu teatro e, em particular na sua lírica (*Sóboles rios que vão...; Sete anos de pastor Jacob servia...*).

¹²⁹ Sáenz-Badillos, Ángel; Borrás, Judite Targarona (1990) *Poetas Hebreos de Al- Andalus (Siglos X-XII) Antología*. Sevilla: Ediciones El Almendro – Córdoba.

¹³⁰ Lopes, Graça Videira (2002) *Cantigas de Escárnio e Maldizer*. Lisboa Editorial Estampa. (pp. 70, 80)

¹³¹ Veja-se: Barca do Inferno (1517), Farsa de Inês Pereira (1523), Juiz da Beira (Espanhol) (1525/1526?), Diálogo sobre a Ressurreição (1526-1528?), Auto da Lusitânia (1532).

O Padre António Vieira crê ter encontrado nas sociedades índias uma imagem do paraíso, é a construção do mito do bom selvagem que acorda lembranças do Génesis. Vieira interessa-se pelo pensamento hebraico e, em particular, pelas suas reflexões perante o encontro de civilizações que os descobrimentos vão representar. Estaremos nós perante algumas tribos perdidas de Israel ou talvez perante sociedades que ainda não foram conspurcadas pelo conceito de pecado?

Tais conceitos, aproximam-no de uma era de diálogo, tolerância e unicidade na pluralidade, a era do Espírito Santo, anunciada pelo messias e pela promessa do seu regresso. A nossa época contemporânea desenvolveu uma complexa relação entre correntes de “filossemitismo” e de antissemitismo que abriram caixas de Pandora, atingindo dimensões apocalípticas com os extermínios em massa.

Tais acontecimentos marcaram profundamente a nossa sensibilidade, acordaram sentimentos de culpa recalcados, paixões sentidas e sentimentalismos filosóficos¹³² que afirmam utopias judeo-cristãs que se poderiam resumir a uma das mais radicais afirmações de Sua Santidade, o Papa Francisco: “*Para ser um bom católico é preciso primeiro ser um bom judeu*”¹³³.

Teixeira de Pascoais afirma, também ele, a especificidade judaico-cristã da alma portuguesa (*Arte de Ser Português*, 1915; *Maranus*, 1990).

Silva Resende, na aproximação do fim do século, aproveita para desenterrar mitos e profecias milenaristas, judaicas e joaquimistas (*O Judeu Errante - Odisseia inacabada*, 1964).

Bernardo Santareno, escreve *O Judeu* (1966), como forma de denúncia de uma vivência de opressão e repressão que associa os velhos métodos da inquisição aos novos métodos do Estado Novo e da ditadura salazarista.

¹³² Ver Gomes Pinharanda (2009) *A Filosofia Hebraica - Portuguesa*. Lisboa: Guimarães editores.

¹³³ Bédat, A. (2014) *Francisco, o argentino*. Lisboa: Guerra e Paz, p. 165

Outra não será intenção de Luís de Sttau Monteiro, ao escrever, para o grande público, ou pelo menos, os que frequentam as salas de teatro, *As mãos de Abraão Zacuto* (1968). Ilse Llosa, contribuiu para a dignificação da nossa identidade judaico-cristã oferecendo-nos algumas das suas dolorosas memórias de juventude e de fuga de uma perseguição que a engoliria no esforço de extermínio nazi (*O mundo em que vivi*, 1987).

Richard Zimler, autor americano de ascendência judia, instala-se entre nós e contribui para a compreensão e valorização do nosso património literário e cultural, grande humanista e homem de causas universais, oferece-nos *O último Cabalista de Lisboa* (1996), contribuindo, a seu modo, para que a nossa dívida judaica nunca caia no esquecimento.

Pinharanda Gomes, Agostinho da Silva, António Telmo, e tantos outros deram corpo a uma dimensão sagrada desse intenso diálogo iniciado pelas tradições proféticas¹³⁴ (O Bandarra, o sapateiro de Trancoso¹³⁵; Mestre Simão Gomes, o sapateiro santo de Setúbal...) por António Vieira e tão desenvolvido por Fernando Pessoa (A mensagem)¹³⁶. Basta citar uma das obras de António Telmo: *A Terra Prometida* (2014).

1.3. ONOMÁSTICA E ANTROPONÍMIA¹³⁷

Todos conhecemos nomes de ruas, de praças e de lugares que perpetuam a memória dos judeus enquanto grupo étnico ou de judeus e de cristãos-novos que se destacaram enquanto personalidades da nossa cultura, técnica, científica, filosófica, teológica e literária. Todos sabemos que por detrás de apelidos referentes a substantivos que remetem para o mundo vegetal, em particular para o das árvores, podemos suspeitar de uma eventual origem judaica ou neocristã.

¹³⁴ Aragão, A. C. Teixeira de (2004) *Diabruras, Santidades e Prophecias*. Lisboa: Alcalá; Bandarra, Gonçalo Anes (2001). *As profecias do Bandarra*. Moderna Editorial Lavores.

¹³⁵ Bandarra, Gonçalo Anes (2001). *As profecias do Bandarra*. Moderna Editorial Lavores.

¹³⁶ Pessoa Fernando (1981) *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

¹³⁷ As referências onomásticas foram todas extraídas de Machado, J. P. (1993, vol. II, 31). As referências antroponómicas foram colhidas Vasconcelos, J. L. (1928, 31, 417)

A verdade é que a mesma suspeição podemos nutrir em relação aos apelidos que nos remetem para o mundo animal, e em particular para os animais com forte simbolismo no mundo hebraico. A verdade é que raros são os povos que não procederam de forma semelhante. Basta pensar em nomes germânicos como Peerbaum, Wolf, Wolfgang, ...

João Pedro Machado (1993, vol. I, p. 835) é um dos autores que assinala alguma toponímia que vem prolongando a sua presença entre nós:

Judeu – top. Arronches (Monte Judeu), Castelo Branco (Id.), Castro Marim (Judeu Morto), Celorico de Basto (Vale de Judeu), Fronteira (Monte Judeu), Lagos (Id.), Lisboa, Loulé (Vale Judeu), Moura, Odemira (Alcaria de Judeu, Fonte Judeu), Oeiras (Azenha do Judeu), Peso da Régua, Portimão (Monte Judeu), Seixal (Rio de Judeu), Setúbal (Vale de Judeu), Tavira (Malhada do Judeu), Vidigueira (Corte do Judeu); ilhas da Madeira (Lombo da Achada do Judeu), e Terceira (Porto Judeu), etc. Do s.m. judeu.

Judeus – top. Azambuja (Vale dos Judeus), Campo Maior (Monte dos Judeus), Penela (Porto de Judeus) Pl. do s.m. judeu. Zona habitada por alguns judeus. Cp. Judias.

Judia – top. Borba (Monte da Judia), Évora (Id.). Do s.f. judia. Proprietária ou habitante do local seria judia. Judias, Almada, Seixal (Vale das Judias).

José Leite de Vasconcelos (1928) dá-nos conta de um número considerável de nomes tipicamente judaicos, extraídos do antigo testamento. Nenhum de nós terá dificuldade em identifica-los e reconhecê-los, outros poderão, eventualmente, constituir alguma surpresa, de tão portugueses que se tornaram, tais como Maria e José:

“**Nomes em documentos dos séculos IX e X:**

De origem hebraica:

- Maria (segundos alguns, de Mirjam, palavra tomada do egípcio: «amada de Amon (deus)»: vid. Kirchenlat. Wb., p. 499).
- Samuel, que figura no documento como nome de um filho de Viviturus (vid. Sub-parágrafo a), o que mostra que o indivíduo, apesar do hebraísmo do nome, era de família cristã. Samuel quer dizer «seu nome é Deus»: vid. Kirchenlat. WB., p. 693.” (1928, 31)

“Nomes de Judeus modernos: Nomes de origem hebraica:

- a) masculinos: Abraão, Arão, Benjamim, Elias, Isaac, Jacob, Jehudah, Joaquim, José, Levy, Moses (Moisés), Salom, Salomão, Samuel.
- a) femininos: Ana & Hannah, Anette (por Annette, diminutivo francês), Deborah, Ester, Mary (Maria), Miriam (cf. supra, p. 364), Sarah. (1928, 417)

1.4. PROVÉRBIOS E EXPRESSÕES QUE FAZEM REFERÊNCIA AO JUDEU E AO JUDAÍSMO

A maior parte dos nossos provérbios¹³⁸ e das nossas expressões¹³⁹ referentes ao judeu e ao judaísmo traduzem um profundo sentimento antijudaico. Até as referências ao antigo testamento não deixam de apresentar alguma ambiguidade, longe de apresentar qualquer dimensão filojudaica.

Provérbios:

“Arrenego do judeu e do burguês e do homem de Cavês, mas vem o Vilarês, que é o pior dos três e do cigano no seu contrato é o pior dos quatro.” (858, p. 57)

¹³⁸ Todos os exemplos foram extraídos de Santos, Maria Alice Moreira dos (2000) Dicionário de Provérbios. Adágios, Ditados, Máximas, aforismos e Frases Feitas. Porto: Porto editora, p. 57, 131,167.

¹³⁹ A maior parte das expressões foram colhidas de Carvalho, Sérgio Luís de (2014) Uma viagem pelas histórias das Expressões Portuguesas. Nova Edição nos trinques. Nas Bocas do Mundo. Lisboa: Grupo Planeta.

“Entre judeus, judeus como eles.” (2497, p. 131)

“Judeu, dona e homem com coroa jamais perdoa.” (3254, p. 167)

“Judeu pela mercadoria, frade pela hipocrisia.” (3255, p. 167)

“Judeus em Páscoa, mouros em bodas e cristãos em pleitos, gastam os seus dinheiros.” (3256 p. 167)

Expressões originárias da Época Clássica:

“Bode expiatório (p. 37), abracadabra (p. 44).”

Expressões originárias da Idade Média:

“Chuva diluviana (p. 80), tempo das vacas magras (p. 80), separar as águas (p. 80), [ser um] Maná (p. 81), travessia do deserto (p. 81), pregar no deserto (p. 81), velho como Musalém (p. 81), coisas do arco da velha (81), [ser um] Sodomita (p. 82), torre de Babel (p. 82), [ser um] Benjamim (p. 82), [ser um] Querubim (p. 82), olho por olho, dente por dente (p. 82), paciência de Job (p. 83), dizer cobras e lagartos (p. 83), ter pés de barro (p. 83), [uma] Cabala (p. 96), andar com as calças na mão (p. 96), dar às de vila-diogo (p. 96), [ser] Ladino (p. 99).”

Expressões originárias da Época Moderna:

“[ser]. Somítico (p. 132), ficar com a careca à mostra (p. 132), é relaxada (p. 132), [ser] um tipo da corda P. 132), [estar num] Gueto (p. 133), pensar na morte da bezerra (p. 133), fazer medidas (p. 133).”

Expressões originárias da Época Contemporânea:

“Fazer um pogrom (p. 194), noite das facas longas (p. 195). “

Para terminar esta viagem pelas expressões referentes aos judeus ou ao judaísmo não gostaria de deixar de acrescentar alguns outros exemplos do nosso conhecimento empírico: noite de cristal, fazer judiarias, fazer rabinices, ...

1.5. ANEDOTAS DE JUDEUS

Para além de algumas anedotas antijudaicas que circulam entre nós de origem geográfica e nacional relativamente obscura, encontramos um conjunto de outras filojudaicas que nos apresentam um povo que gosta de rir de si próprio. O seu espírito não está longe de muitas das anedotas que contamos dos alentejanos julgando atingi-los dos defeitos e vícios próprios das comunidades de tipo rural, valorizando uma vivência em harmonia com os outros e com a natureza, um certo bem-estar familiar e consigo próprio, uma relativização do tempo e uma sabedoria salomónica, cujos objetivos finais são a constante expressão de gratidão pela vida e da aspiração pela paz.

Apresentamos apenas um conto humorístico e anedótico publicado numa obra de José Jorge Letria¹⁴⁰ destinada aos mais jovens:

O ensinamento de Deus

Na presença de Deus compareceu, de olhos fixos no chão, um homem que, na Terra, decidira, por razões desconhecidas, pôr termo à vida. (...)

¹⁴⁰ Letria, J. J., Corbel, A. (2003), Lendas e Contos Judaicos. Porto: Âmbar. (p. 11).

- Senhor, eu tinha um único filho e ele, apesar de ter sido educado por mim e pela minha mãe de acordo com os nossos textos sagrados, acabou por se converter ao cristianismo. (...)

- Também tinha um só filho que, apesar de ter sido criado e educado por mim para cumprir as mais sagradas funções, acabou por se converter a uma outra religião, renegando todos os meus ensinamentos.

- E vós, Senhor, o que fizestes?

- Fiz a única coisa que podia ter feito. Fiz um novo testamento. (...)

1.6. OS JUDEUS NO UNIVERSO LENDÁRIO

Lendas Religiosas - Lenda do Santo Milagre (Santarém)¹⁴¹

– A Velha Judia – Houve tempos em que os judeus de religião não poderiam ter contacto com os cristãos, sob pena de morte.” (p. 314)

“Em tempos idos vivia em Santarém – segundo conta a lenda – um casal que se consorciara verdadeiramente por amor. Porém como o imortal Luís de Camões dissera num dos seus sonetos

*Amor com brandas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece...*

Na verdade, também sem que eles se apercebessem o amor entre ambos foi arrefecendo, criando vazios, transformando-se de traço de união em simples reticências (...)

¹⁴¹ Marques, Gentil (1997) Lendas de Portugal. vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores. (pp. 307- 312, 314).

Por fim, já desesperada, a mulher, vendo fracassar todas as suas tentativas de reconciliação (bem poucas, afinal, por se sentir ofendida na sua dignidade), resolveu consultar uma velha judia que morava na vizinhança e tinha fama de curar todos os males. (...) A judia sublinhou as palavras com uma das suas habituais risadinhas: - Deus fará por abrir os vossos olhos... os vossos ouvidos... e os vossos corações... Mas terá de seguir à risca o meu conselho! (p. 307 - 309)

“A velha nada mais disse... Parecia ter adormecido repentinamente. A mulher teve ainda mais receio. Mas, depois, olhando o vulto da judia enroscada na roupa, compreendeu que ela estava a rezar. Uma reza longa e misteriosa, decerto, pois não conseguiu perceber nem uma só palavra.

- Quando quiser... dê-me o seu conselho...

- Um momento, minha filha, um momento! – Soou a risadinha seca. – Pronto... Agora escuta.... Vai-te confessar e comungar... Mas não engulas a hóstia consagrada.... Estás a ouvir?... Repara bem nisto que eu te digo, que é muito importante: não engulas a hóstia consagrada!... Esconde-a no teu lenço e leva-a para casa... É como se levasse o próprio Corpo de Deus... E Ele fará então o milagre porque tu anseias... (...) Depois da confissão, a mulher ficou esperando pela missa, mas ao aproximar-se do momento da sagrada comunhão, a mulher lembrou-se mais do que nunca do conselho estranho da velha judia. Aflita dizia de si para si:

- Meu Deus, não sei se deva seguir esse conselho... E se for pior para mim? Que devo fazer?...

Teve que decidir por si própria. Então, num rasgo de fingiu apenas que tomava a hóstia consagrada e escondeu-a com todas as cautelas, embrulhada no lenço (...). Ao chegar a casa, escondeu logo nervosamente, angustiadamente o lenço e a hóstia numa antiga arca de roupa já quase sem uso (...). Conta a lenda que daí algum tempo ambos se soergueram, ambos espantados, pois escutavam dentro de casa – ali, bem junto deles - uma linda música que nunca tinham ouvido. (...). Entretanto, a música acentuava-se, parecia transformar-se aos poucos num coro celestial. E da arca subia uma luz viva, brilhante, maravilhosa (...) O homem abriu a arca de repente Quedaram-se boquiabertos, deslumbrados. A hóstia era agora apenas uma luz divina e por toda a casa havia um cântico de hossanas...

(p. 310, 312)

1.6.1. LENDA DA SENHORA DO CAIS (SETÚBAL)¹⁴²

Esta lenda relembra-nos a antiquíssima presença semítica, fenícia e judaica, no espaço de Troia e da antiga Cetóbriga, presença reforçada no período medievo que contava com uma judiaria contígua à sua igreja matriz, Igreja de Santa Maria, no flanco da colina de São Sebastião, hoje a Sé.

Esta lenda possui, como é óbvio, múltiplas versões. Todas elas fazem eco de uma estrita separação entre as várias comunidades religiosas que coexistiam no espaço do antigo núcleo urbano. Não nos esqueçamos que essa separação não era tanto imposta pelo grupo cristão dominante, mas exigido pela comunidade judaica, por imposição de antiquíssimos preceitos religiosos.

A lenda não deixa de apresentar um especial interesse pelas tensões que sugere entre as proibições religiosas e as pulsões individuais de comunicação, convívio e apreço mútuo. Embora a judia seja representada como a mulher de perdição, imagem de Eva, a pecaminosa, a traidora, eventualmente a meretriz babilónica, a verdade é que o povo não deixa de a respeitar no seu poder de sublimação e de transformação mariana. Ester transforma-se em Maria. Afinal Maria não teria continuado a ser a judia, mãe de Cristo, mãe de Deus e mãe da humanidade:

Narra-se em velhos documentos que o nobre fidalgo D. Manuel Vaz de Castro tinha como esposa a mais bela mulher de Setúbal. Chamava-se Ester e, como o seu nome indica, era de ascendência judaica. De Ester, vivia enamorado – estranhamente, loucamente enamorado! – um pobre pescador chamado Valentim de Jesus. (...)

*O moço Valentim tinha razão nos seus pressentimentos. Ouvindo vozes na varanda, D. Manuel Vaz de Castro apareceu de súbito, gritando:
- Quem és tu, vilão?*

¹⁴² Marques, Gentil (1997) Lendas de Portugal. vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores. (p. 75).

Valentim perfilou-se na sua frente.

- Um homem, senhor fidalgo. Sou apenas um homem.

- Pois não o serás mais!...

E ajuntando o gesto à palavra, o fidalgo ergueu a espada embebeu-a no corpo de Valentim, gritando ainda:

- Toma, vilão! É assim que eu falo com os da tua laia!

O corpo de Valentim caiu, banhado em sangue. Ester, com o desespero no coração, gritava alucinada:

- Senhor! Piedade! Piedade!

Mas o fidalgo, voltando-lhe as costas, respondeu-lhe com serenidade aparente:

- Calai-vos! Que eu não vos oiça... para ignorar que estais aqui! Quanto a este vilão, vou atirá-lo ao mar. Que as ondas o levem para bem longe!

Ester levou as mãos ao rosto para não ver o corpo ensanguentado e já sem vida de Valentim. Um choro convulsivo sacudiu-a e um baque surdo nas águas tranquilas repercutiu-se no seu coração (...)

Isto é o que conta a história.

Porém, a lenda acrescenta que Ester, transtornada por quanto se passara na sua frente, abandonou a casa do marido e recolheu a um convento, entregando-se a uma vida exemplar de sacrifício e devoção. E o caso foi esmorecendo no rancor do povo. Todavia, um homem continuava a não lhe perdoar: Augusto, o pai de Valentim. (...)

Ora, esta opinião do velho Augusto chegou aos ouvidos de Ester. E logo ela enviou alguém a suplicar-lhe que viesse falar com ela ao convento.

Ali no cais de Setúbal, havia uma imagem de Nossa Senhora adorada pelos pescadores. Certa vez, no turbilhão das lutas, atiraram essa imagem ao mar. Um pescador velho, mas corajoso atreveu-se a ir buscá-la debaixo das balas. Era o tio Augusto. Mas quando chegou a terra e os outros o rodearam, parecia aparvalhado, olhando a imagem de Nossa Senhora. Como lhe perguntassem o que se passava, ele, no auge da excitação, gritou-lhes:

- Vejam! Estão a ver? É a Nossa Senhora... Mas com a cara da outra... daquela que matou o meu filho! Afinal... deu-se o milagre! Ela deve falar verdade! Deve ser hoje uma pessoa de bem!

Bendito seja o nome de Deus!

1.6.2. **LENDA DO MILAGRE DE OURIQUE**¹⁴³

Nesta que é uma das lendas mais difundidas relativas à heroicidade da reconquista cristã e da fundação da nacionalidade, encontramos, lamentavelmente uma das primeiras referências pejorativas ao povo judeu, recordando a traição de Judas em troca dos trinta dinheiros que o levou a vender O Redentor e colocar-se deste modo na origem do deicida que veio a funcionar como desculpa para a posterior, interesseira e concupiscente, perseguição, expulsão e tentativa de extinção de todo um povo que nunca deixou de ser o povo escolhido por Deus, Adonai, em aramaico, língua com que se perpetuou nas nossas comunidades marranas. É evidente que, de um ponto de vista exclusivamente económico e militar, não podemos omitir as fortes alianças que, nessa época, caracterizavam as sociedades judaico-muçulmanas, abstraindo-nos de outros grupos cristãos, conhecidos globalmente como moçárabes: “A elas juntarás o preço com que fui comprado aos Judeus.” (p. 368).

1.7. AS REFERÊNCIAS E OS INDÍCIOS JUDAICOS NO CANCIONEIRO E NO ROMANCEIRO POPULARES

O nosso cancionero popular faz eco da perseguição dos Judeus e reforça o anti judaísmo oficial que preponderou desde finais do século XV até Pombal¹⁴⁴:

“Manda El-Rei nosso Senhor. Bueno! Que se lhe dê Mejor! Duzentos Mil gracias! Açoites. El-Rei à la [mierda.]” C. das Neves e G. de Campos (1870-1898) (in Giacometti, 1981, 280)

“Ea, judios, à enfardelar, que mandanlos reys que passeis la mar.” C. das Neves e G. de Campos (1870-1898) (in Giacometti, 1981, 281).

“A minha nódoa de azeite
 Por tempo se há de tirar,
 Mas a tua de judia
 Contigo se há de acabar.
 (...)
 Deus te livre do mouro e do
 [judeu

¹⁴³ Marques, Gentil (1997) Lendas de Portugal. vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores (pp. 365-369).

¹⁴⁴ Os exemplos já foram apresentados por Giacometti, M. (1981) e Vasconcelos, José Leite de (1981) - Cancioneiro Popular Português. (V. II) Coimbra, Universidade.

(...)
 Enfeitaste-me por pobre,
 Eu a você por judeu;
 Olha a dif'rença que vai
 Do meu coração ao teu!
 (...)

Teófilo Braga, na sua *História da poesia popular portuguesa (1905)*, recorda-nos que durante os séculos XV e XVI, os Judeus e Mouros eram obrigados a concorrerem nas festas oficiais com músicas e danças. Na relação da Viagem do Cardeal Alexandrino em 1571, lê-se, a propósito da sua travessia no Tejo:

«Chegaram a nós dez barcos variamente pintados e armados, nos quaes ouvidos pifanos, trombetas, adufes, timbales e outros instrumentos, com cantores, bailarinas vestidas à mourisca, as quaes bailavam com garbo, mas o canto parecia-se com o que cantam os Judeus nas suas synagogas.» (in Braga 1987, 446). A tonalidade que lhe parecia judaica, fora de facto adotada pelos judeus expulsos de Portugal, como melodia das suas orações.

O autor também nos relata que o sr. Cardoso de Bettencourt lhe terá comunicado que, “na Synagoga de Bayona as orações ou psalmos apontadas as canções typicas à margem, como *Silvaninha, Linda pastorinha, e outras.*” (Braga, 1987, 447)

Kaysersling, citado por Teófilo Braga¹⁴⁵, refere vários cantos populares castelhanos e portugueses conservados entre Judeus expulsos da Península na época da intolerância:

“Os judeus na Bulgária têm por exemplo o canto popular portuguez:

*Mi padre era di Francia
 mi madre d'Aragon;
 por ser yo regalado
 di chica mé casó;
 mi caso com un Franco,
 hijo d'un grand'señor;
 no lo quiero, no lo quiero, yo., etc*

*Arvoleta! Arvoleta!
 la rama era dóro,
 y la raiz de marfil, etc.”*

¹⁴⁵ Braga, Teófilo (1987) - *História da Poesia Popular Portuguesa*. Lisboa. Veja (447 – 448).

“Vaudevilles hespanhoes com melodias, desde muito tempo esquecidas em Hespanha, conservaram-se em um grande número entre os Judeus banidos. Acham-se como títulos de poemas hebreus, compostos por piedosos poetas na Turquia e na Itália. Damos os seguintes:

“A las montañas mi alma
A las montañas mi aire.”
“En sueño mi sueña ma dueña,
Alba y lusia graciosa.”

Teófilo refere que, no prólogo da segunda edição da *Adozinda*, Almeida Garrett dá-nos notícia de um exemplar da *Biblioteca lusitana*, em cujas margens o Carvalheiro de Oliveira, seu possuidor, transcrevera vários cantos populares recolhidos de Judeus portugueses exilados: «*notas manuscritas citavam e transcreviam como ilustração muitas coplas, romances e trovas antigas, e até prophecias de Bandarra, (...)*»

Foi neste contexto que Garrett encontrou o romance de *Dom Duardos* de Gil Vicente, com variantes fundamentais, e o *Marquês de Mântua* de Baltazar Dias:

“Depois da decadência profunda, que a Inquisição e os Jesuítas, tendo-se apossado dos poderes públicos, arrastaram o povo portuguez pelo terror das fogueiras e pela depressão mental e alienação da vontade aos diretores espirituais, não é para estranhar que na epopêia dos *Lusíadas* Camões aludindo ao povo o designasse pelo vulgo vil sem nome. Assim lhe empolgarem a sua nacionalidade, no marasmo de uma «austera, apagada e vil tristeza» que na voz de poeta sintetisa o fim da era quinhentista” (Braga, 1987, 449). No seu *Romanceiro*¹⁴⁶, Garrett apresenta-nos alguns dos romances mais populares entre a comunidade judaica da diáspora, como tão bem o observou Paloma Días-Mas em *Temas comunes en el Romancero Portugués y Sefardí*. in *Os Judeus Sefarditas entre Portugal, Espanha e Marrocos*. (2004)¹⁴⁷.

Recordemos alguns dos que nos parecem mais significativos para melhor entender o seu sucesso junto da comunidade judaica, levantando a hipótese de eventuais contributos semitas ou hebraicos na sua elaboração:

1.7.1. BELA INFANTA

Eventualmente o mais popular dos nossos romances, a *Bela Infanta*, perde-se talvez, segundo alguns críticos espanhóis que possuem algumas xácaras, nitidamente fragmentárias deste, nos primórdios do século XIII. As suas referências são nitidamente cristãs, mas o amor esponsal, o sofrimento pelo marido

¹⁴⁶ Garrett, Almeida (1997) *Romanceiro*. Lisboa: Círculo de Leitores. Pág. 27, 29, 77, 79, 90, 91, 98, 140, 141, 142, 145, 147, 148, 231, 232, 233, 266, 269, 272, 273, 274.

¹⁴⁷ in *Os Judeus Sefarditas entre Portugal, Espanha e Marrocos*. (2004)

ausente, a ânsia amorosa, a valorização das qualidades cavaleirescas ao serviço da devoção aponta para valores judaico-cristãos que, neste caso, não se distanciam particularmente dos valores do Islão.

*Estava a bela Infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente de oiro fino
Seus cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que nela vinha,
Muito bem que a governava.
- «Dize-me, ó capitão
Na ponta da sua lança
A cruz de Cristo levava.»
(...) (p. 29)*

*Dessa tua nobre armada,
Se encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava.»
- «Anda tanto cavaleiro
Naquela terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que ele levava.»
- «Levava cavalo branco,
Selim de prata doirada;*

1.7.2. O CONDE DA ALEMANHA

A xácara do *Conde da Alemanha* apresenta um tema moral e um estilo de uma simplicidade sublime e vetusta. Talvez tenha sido a sua dimensão trágica, embora profundamente humana e moral que tenha calado fundo na sensibilidade dos povos e, em particular na sensibilidade patriarcal judaica, tão avessa ao adultério¹⁴⁸.

Uma infanta descobre uma relação ilegítima entre a mãe e um jovem cavaleiro estrangeiro, um certo «conde da Alemanha». Apesar dos rogos da sua mãe, a filha espera o regresso do seu pai, da caça, para lhe contar o sucedido. A acusação de adultério constituiria o auge da peripécia, todavia, a filha acusa o sedutor de atentar contra a sua própria honra, encobrindo deste modo o envolvimento da mãe. O crime leva o conde ao cadafalso, ficando assim a honra do pai desagravada, sem se revelar a infâmia da mãe.

¹⁴⁸ Ver Dias-Mas, Paloma (2004, 247)

*Já lá vem o sol na serra,
Já lá vem o claro dia,
E inda o conde d'Alemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido
De quantos na corte havia;
Só o sabia a infanta,
A infanta sua filha.*

*- «Não nas chegue eu a romper
Mangas da minha camisa,
Se em vindo meu pai da caça
Eu logo lho não diria.»
- «Cal'-te, cal'-te, lá infanta,
Não o digas tal, minha filha,
Que o conde d'Alemanha
De oiro te vestiria.»*

1.7.3. SILVANINHA

Pela rudeza da sua linguagem, pela descompostura do estilo, Silvaninha afirma-se como uma das mais antigas composições populares da nossa Península. Nenhum Romanceiro ou cancionero castelhano o refere; mas não há terra de Portugal que não o conheça. O assunto incestuoso é vivido, pelas nossas culturas, como antinatural e bárbaro. Todavia, marcou o imaginário de todas as literaturas e culturas, com particular ênfase nos primórdios de todas as nações. Os sentimentos são ásperos e crus.

“O espírito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tão asquerosos meios de excitar interesse. (...). Quanto se pode julgar de uma coisa tão desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que esta singela rapsódia popular é anterior ou, se contemporânea, estranha à polida e estudada literatura provençal do século XIII.”¹⁴⁹

O tabu em relação ao incesto revela-se com especial expressão num judaísmo que, no Médio Oriente, conviveu com essas práticas, que tanto se prolongaram no Egito e que afloram, aqui e acolá, na mitologia e em momentos de degradação e demência das primeiras civilizações clássicas.

*Passeava-se a silvana
Pelo corredor acima;
Viola de oiro levava,
Oh! Que tão bem a tangia,
E se ela bem a tangia,
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a cometia:*

*- «Atreves-te tu, Silvana,
Uma noite a seres minha?»
- «Fora uma, fora duas,
Fora, meu pai, cada dia;
Ma las penas do Inferno
Quem por mim las penaria?»
(...) (1997, 98)*

¹⁴⁹ Garrett, Almeida (1997, 90-91)

1.7.4. DONA AUSENDA

Também conhecido pelo romance Dona Ausência na Estremadura e no Alentejo, a Meia-Idade o consagrou na forma de Dona Ausenda.

*À porta de Dona Ausenda
Está uma erva fadada;
Mulher que aponta a mão nela
Logo se sente pejada.
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada;
Assim que pôs a mão nela,
Logo se sentiu pejada.
Vinha seu pai para a mesa,
Veio ela muito apressada
Para lhe dar água às mãos,
Como filha bem-criada.
Pôs-lhe ele os olhos direitos,
Ela fez-se mui corada.
– «Que é isso, dona Ausenda?
Voto a Deus que estás pejada.»
– «Não diga tal, senhor pai,*

*É da saia mal talhada;
Que eu nunca tive amores
Nem homem me deve nada.»
Mandou chamar os dois xastres
Que tinham mais nomeada:
– «Vejam-me esta saia, mestres;
Aonde está ela errada?»
Olharam um para o outro:
– «Esta saia não tem nada;
O erro que ela tem
É a menina estar pejada.»
– «Confessa-te, Dona Ausenda,
Que amanhã serás queimada.»
– «Ai triste de mim coitada!
Sem nunca ter tido amores,
Vou a morrer desonrada!» (idem, 141-142)*

1.7.5. RAINHA E CATIVA

Os castelhanos desconhecem-no, todavia, Rainha e Cativa continua bem viva na tradição oral do nosso povo, e, segundo Garrett não parecia ter sofrido grandes transformações, nem na forma, nem no estilo. Apesar de aludir aos confrontos entre a moirama e cristandade, a temática, a troca de crianças, parecemos nitidamente bíblica, as imagens, os espaços e as épocas referidas pertencem, numa primeira instância, à tradição israelita.

*– «À guerra, à guerra, moirinhos,
Quero uma cristã cativa!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-ma cristã cativa,
Que é para a nossa rainha.»
(...)
A rainha está pejada,*

*A escrava também o vinha:
Quis a boa ou má fortuna
Que ambas parissem num dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as perras das comadres,
Para ganharem alvíssaras,
Deram à rainha o filho,*

À escrava deram a filha.

– «Filha minha da minha alma,
Com que te batizaria?
As lágrimas de meus olhos
Te sirvam de água bendita
Chamar-te-ei Branca Rosa,

*Branca flor de Alexandria,
Que assim se chamava dantes
Uma irmã que eu tinha:
Cativaram-na os moiros
Dia de Páscoa florida,
Andando apanhando rosas
Num rosal que meu pai tinha.» (pp. 147-148)*

1.7.6. CONDE NILO

Oriundo da província de Trás-os-Montes e das ilhas dos Açores, é omissos no resto do país e nas recolhas castelhanas. Garrett inclinava-se para uma origem francesa, provençal ou normanda e observava que o nome Nilo não era português, nem castelhano, nem leonês, nem aragonês e confessava a sua “completa inabilidade de responder” (1997, 231). Estamos perante um lindo romance, muito elegante e gracioso, com um cunho bastante antigo e não parecendo padecer de lacunas ou corruptelas de transmissão.

É minha convicta opinião que estamos perante mais um romance com raízes profundamente judaicas. Todos os amores contrariados encontram o seu arquétipo em Ísis e Osíris. O mito remete-nos para o distante Nilo, razão de ser do Egito. Espaço onde terra e água se conjugam, num matrimónio sagrado, para permitir o milagre da criação. O povo judeu, no seu longo cativeiro, não terá ficado imune ao mito que tanto exalta o amor e os mistérios da criação.

*Conde Nilo, conde Nilo
Seu cavalo vai banhar;
Enquanto o cavalo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
El-rei não o pode avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se há de rir, se há de chorar
– «Cala, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no Céu,
Ou a sereia no mar.»
– «Não são os anjos no Céu,
Nem a sereia no mar:»*

*É o conde Nilo, meu pai,
Que comigo quer casar.»
– «Quem fala no conde Nilo,
Que se atreve a nomear
Esse vassalo rebelde
Que eu mandei desterrar?»
Vê-lo-ás ir a degolar.»
(...)
– «Morto é o conde Nilo,
A infanta já expirar.
Abertas estão as covas,
Agora os vão enterrar:
Ele no adro da igreja,
A infanta ao pé do altar.»*

*De um nascera um cipreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Coas pontas se iam beijar.
El-rei, apenas tal soube,
Logo os mandara cortar.
Um deitava sangue vivo,
O outro sangue real;*

*De um nascera uma pomba,
De outro um pombo torcaz.
Senta-se el-rei a comer,
Na mesa lhe iam poisar:
– «Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto querer,
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.» (pp. 232-233)*

1.7.7. O CATIVO

O presente romance inscreve-se no ciclo dos romances relacionados que recordam as guerras e as tensões constantes entre mouros e cristãos. A referência a Hamburgo e à existência de uma comunidade judia com relativo poder económico e, eventualmente, político, no Norte de África, assim como a referência às caravelas, indicia, todavia, um período posterior aos primeiros empreendimentos além-mar e, talvez, posterior à expulsão dos judeus de Portugal. Não se trata de um testemunho filo judaico. O judeu aparece conotado com a prática da escravidão, empreendedor que não olha a meios para enriquecer e a judia, sua esposa como uma mulher linda, mas venial, que não hesita em trair o marido para “matar a fome” ao faminto do seu cativo.

*Eu vinha do mar de Hamburgo
Numa linda caravela;
Cativaram-nos os moiros
Entre la paz e la guerra.
Para vender me levaram
A Salé, que é sua terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim nem branca dera;
Só houve um perro judio
Que ali comprar-me quisera;
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra:
De dia pisar esparto,
De noite moer canela,
E uma mordação na boca
Para lhe eu não comer dela.
Mas foi a minha fortuna
Dar Cuma patroa bela,
Que me dava do pão alvo,*

*Do pão me comia ela.
Dava-me do que eu queria,
E mais do que eu não quisera,
Que nos braços da judia
Chorava – que não por ela. (p. 266)*

1.7.8. A NAU CATRINETA

Das mais conhecidas das nossas xácaras. Já Garrett expressava a sua admiração pelo facto do romance marítimo não ser mais comum entre nós. “*Um país de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites da Europa, devassou todo o império das águas para se estender pelo universo, (...)*” (1997, 269).

Tenho para mim que estamos perante uma obra-prima do génio judaico-português. Não será surpresa para ninguém afirmar que os judeus ocuparam um espaço fundamental nas empresas das descobertas. Os seus cabedais completavam os esforços da coroa e os investimentos da Ordem de Cristo.

Todos sabemos a ascendência judaica de inúmeros capitães e especialistas de marinhagem. Após esforços económicos e sacrifícios pessoais que não raras vezes frisavam a morte, um belo dia regressam e apercebem-se que já não são bem-vindos à sua terra natal. Sefarad deixou de ser a terra prometida.

Expulsos de Espanha são agora ameaçados de morte nas praias de Portugal. Resta-lhes entregar as filhas, numa política de casamentos mistos forçados, resta-lhes entregar o que resta dos seus cabedais já bastante delapidados, talvez os cavalos, sinais de valentia e alguma nobreza, em última instância são as próprias caravelas que terão que empenhar. Nada disto satisfaz o cinismo da concupiscência. A exigência vai muito para além de todos os valores materiais. Exige-se tudo e a conversão, renegar-se e renegar os seus. Vender a alma ao diabo.

Como tantos outros, o nosso capitão preferiu suicidar-se, entregar o corpo ao mar a alma a Deus. O romance não resistiu por nos falar de uma epopeia marítima, mas sim pela sua dimensão trágica, pela verdadeira catástrofe que se abateu sobre a nação, tornando-nos quase numa nação exclusivamente marcada pela desgraça, pelo saudosismo, pela tristeza e pela errância, não fosse a providência divina e não viessem os anjos em nosso auxílio:

*Lá vem a nau Catrineta
 Que tem muito que contar!
 Ouvide agora, senhores,
 Uma história de pasmar.
 Passava mais de ano e dia
 Que iam na volta do mar,
 Já não tinham que comer,
 Já não tinham que manjar.
 (...)
 Deitam sortes à ventura
 Qual se havia de matar;
 Logo foi cair a sorte
 No capitão-general.
 – «Sobe, sobe, marujinho,
 Àquele mastro real,
 Vê se vês terras de Espanha,
 As praias de Portugal.»
 – «Não vejo terras de Espanha,
 Nem praias de Portugal;
 Vejo sete espadas nuas
 Que estão para te matar.»
 – «Alvíssaras, capitão,
 Meu capitão-general!
 Já vejo terras de Espanha,
 Areias de Portugal.
 Mais enxergo três meninas Debaixo de um laranjal:
 (...)
 – «Todas três são minhas filhas,
 Oh! Quem mas dera abraçar!
 A mais formosa de todas
 Contigo a hei de casar.»
 – «A vossa filha não quero,
 Que não custou a criar.»
 – «Dar-te-ei tanto dinheiro
 Que o não possas contar.»
 – «Não quero o vosso dinheiro,
 Pois vos custou a ganhar.»
 – «Dou-te o meu cavalo branco,
 Que nunca houve outro igual.»
 – «Guardai o vosso cavalo,
 Que vos custou a ensinar.»
 – «Dar-te-ei a nau Catrineta,
 Para nela navegar.»
 – «Não quero a nau Catrineta,*

Que a não sei governar.»
 – «*Que queres tu, meu gajeiro,*
Que alvissaras te hei de dar?»
 – «*Capitão, quero a tua alma*
Para comigo a levar.»
 – «*Renego de ti, demónio,*
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»
Tomou-o um anjo nos braços,
Não no deixou afogar,
 (...) (pp. 272-274)

2. BIBLIOGRAFIA

- Aragão, A. C. Teixeira de (2004) *Diabruras, Santidades e Prophecias*. Lisboa: Acalá.
- Ballesteros, Carmen; Ruah, Mery (Coord.) (2004) *Os Judeus Sefarditas entre Portugal, Espanha e Marrocos*. Lisboa: Edições Colibri. Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, CIDEHUS-EU.
- Bandarra, Gonçalo Anes (2001). *As profecias do Bandarra*. Moderna Editorial Laves.
- Bédât, Arnaud (2014) *Francisco O Argentino. O papa íntimo contado pelos seus próximos*. Lisboa: Guerra & Paz.
- Benbassa, Esther; Rodrigues, Aron (2000) *Histórias dos Sefarditas de Toledo a Salónica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Borau, José Luís Vázquez (2008). *As religiões do Livro (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo)*. Lisboa: Paulus.
- Braga, Teófilo (1987) *História da Poesia Popular Portuguesa*. Lisboa Vega
- Camões, Luís de (1972) *Os Lusíadas*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Camões, Luís de (1973). *Lírica*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Carreira, Nunes José (1999) *Cantigas de amor do oriente antigo*. Estudo e antologia. Lisboa: Edições Cosmos.
- Carvalho, Sérgio Luís de (2014). *Uma viagem pelas histórias das Expressões Portuguesas*. Nova Edição nos trinques. Nas Bocas do Mundo. Lisboa: Grupo Planeta.
- Dias, Joaquim (2015) *A Bíblia em Português. Como, quando e para quê*. Venda do Pinheiro: Cafileza.
- Garrett, Almeida (1997) *Romanceiro*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Gomes, Pinharanda (2009) *A filosofia Hebraico-Portuguesa*. I. História da filosofia Portuguesa. Lisboa. Guimarães editores.
- Giacometti, Michel; Graça-Lopes, Fernando (Colab.) (1981) *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Herculano, Alexandre (2017) *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*. Tomo I. Lisboa: Bertrand Editores.
- Letria, José Jorge, Corbel, Alain (2003) *Lendas e Contos Judaicos*. Porto: Âmbar.
- Josefo, Flávio (2007) *A Guerra dos Judeus. História da Guerra entre Judeus e Romanos*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Lopes, Graça Videira (2002) *Cantigas de Escárnio e Maldizer*. Lisboa Editorial Estampa.
- Losa, Ilse (2002) *O mundo em que vivi*. Porto: Afrontamento.
- Machado, José Pedro (1993) *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. vol. II. Lisboa: Horizonte, Confluência.
- Martins, Jorge (2015) *Breve História dos Judeus em Portugal*. Lisboa: Vega.
- Marques, Gentil (1997) *Lendas de Portugal*. vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Marques, Gentil (1997) *Lendas de Portugal*. vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Monteiro, Luís de Stau (1968). *As mãos de Abraão Zacuto*. Lisboa: Edições Ática.
- Pascoaes, Teixeira de (1915) *Arte de Ser Português*. Lisboa: Edições Roger Delraux.
- Pascoaes, Teixeira de (1990) *Maranus*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pessoa Fernando (1981) *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

- Pereira, Maria Teresa Lopes (2009) Pedro Nunes. *Em busca das suas origens*. Lisboa: Edições Colibri.
- Pereira, Virgínia Soares; Curado, Manuel (org.) (2014) *Judeus Portugueses no mundo. Medicina e cultura*. V. N. Famalicão: Edições Húmus. Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.
- Resende, Silva (1987) *O Judeu errante – Odisseia inacabada*. Romance. Lisboa: Nova Arrancada.
- Sáenz-Badillos, Ángel; Borrás, Judite Targarona (1990) *Poetas Hebreos de Al- Andalus (Siglos X-XII) Antología*. Sevilla: Ediciones El Almendro – Córdoba.
- Santareno, Bernardo (1974) *O Judeu. Narrativa Dramática em três atos*. Lisboa: Edições Ática.
- Santos, Maria Alice Moreira dos (2000) *Dicionário de Provérbios*. Adágios, Ditados, Máximas, aforismos e Frases Feitas. Porto: Porto editora.
- Santo, Moisés Espírito (2000) *Origens do Cristianismo Português*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Santo, Moisés Espírito (2000) *Dicionário Fenício-Português*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Sarmiento, Luís Filipe (2003) *Tora*. Mem-Martins: Sporpress.
- Silva, Carlos Guardado da (Coord.) (2013) *Judarias, Judeus e Judaísmo*. Lisboa: Edições Colibri.
- Telmo, António (2014) *A Terra Prometida*. Maçonaria, Kabbalah, Martinismo & Quinto Império. Sintra: Zéfiro.
- Teyssier, Paul (2005) *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Vasconcelos, José Leite de (1928) *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcelos, José Leite de (1981) *Cancioneiro Popular Português*. 3.º V. Coimbra: Universidade.
- Vieira, Padre António (1959) *Obras Completas do Padre António Vieira Sermões*. vol. III. Porto: Lello & Irmão – Editores.
- Vieira, Padre António (1959) *Obras Completas do Padre António Vieira Sermões*. vol. IV. Porto: Lello & Irmão – Editores.
- Vicente, Gil (1965) *Obras de Gil Vicente*. Porto: Lello & Irmão – Editores.
- Zimler, Richard (2002) *O último Cabalista de Lisboa*. Lisboa: Quetzal Editores.